

O movimento operário brasileiro entre a construção de formas organizativas e disputas de projetos políticos: referências ao processo revolucionário chinês

Carlos Fernando de Quadros

Resumo: O objetivo neste trabalho é discutir o impacto do processo revolucionário chinês sobre as organizações operárias brasileiras nas primeiras décadas do século XX. A Revolução Chinesa não se resume ao “assalto aos céus” vitorioso em outubro de 1949, mas remonta a um processo de décadas cuja ressonância alcançou o proletariado brasileiro. Esta classe social se encontrava em um processo de intensas lutas durante os primeiros anos dos noventa, sendo a Greve de 1917 um dos mais importantes exemplos de então. As lutas políticas da classe trabalhadora brasileira encontravam tradução na construção de formas organizativas orientadas ao enfrentamento com o capital, como o caso da formação do Partido Comunista – Seção Brasileira da Internacional Comunista, em 1922, na voga do impacto da Revolução de Outubro e da constituição da Internacional Comunista. É neste processo que as referências a lutas de trabalhadores estrangeiros repercutem no Brasil, especialmente através da nascente imprensa operária, instrumento não apenas de instrução da militância, mas também servindo como organizador de suas práticas. São encontradas articulações entre os processos internacionais (a vitoriosa Revolução Russa de 1917, a Revolução Alemã, Revolução Húngara, enfrentamentos na região do Oriente etc.) e as ideias revolucionárias e os projetos políticos em operação no Brasil. Assim, objetiva-se discutir como circularam os referenciais a processos revolucionários estrangeiros, com especial atenção ao chinês, nos círculos do movimento operário brasileiro e de que formas estes referenciais foram mobilizados nos projetos políticos de esquerda então em disputa.

Palavras-chave: Movimento Operário; Circulação de Ideias; Projeto Político; Partido Comunista do Brasil

The Brazilian workers' movement between the making of organizational forms and the political projects struggle: references to the Chinese revolutionary process

Abstract: The goal in this paper is to discuss the impact of the Chinese revolutionary process over the Brazilian workers' organizations in the early twentieth century. The Chinese Revolution doesn't resume itself to the military and political victory in 1949, but it reminds a process of decades that reached the Brazilian workers. They were found in intense social struggle in the early years of 1900s. The 1917's general strike were an example of the period. The political battles of the Brazilian working class were traduced in the making of organizational forms guided to fight the capital, like the Communist Party – Brazilian Section of the Communist International, founded in 1922, under the impact of the October Revolution and the constitution of the Communist International. That was a historical process when the references to the foreign workers' battles reverberate in Brazil, specially in the workers' press media, which was used not only as a vehicle of instruction, but also as an organizer instrument. Links were found between the international processes (the victorious Russian Revolution in 1917, the German Revolution, Hungarian Revolution, battles in the Eastern World etc.) and the revolutionary ideas and political projects in Brazil. So, this paper's goal is to discuss how the foreign revolutionary processes references, with special attention to the Chinese

example, have circled in the Brazilian workers' movement and in which ways these references were used in the left wing political projects in struggle.

Keywords: Workers' Movement; Ideas Circulation; Political Projects; Brazilian Communist Party

Introdução

Os primeiros anos do século XX no Brasil, mais do que meramente marcar a passagem cronológica oficial entre centúrias, foram anos de reorientações estruturais nesse país. A forma de organização política já sofreu mudanças ao final dos anos 1880, com a deposição da monarquia e a transição a um governo republicano; a forma de produção também se modificou com a abolição da exploração de mão-de-obra escrava e a transição à exploração do trabalho assalariado como relação de produção predominante na economia brasileira. Os processos de mudanças radicais não eram exclusividade brasileira, mas inseriam-se no bojo de alterações sistêmicas com o desenvolvimento do capitalismo monopolista, no qual as agitações políticas, bastante características da Europa da conjuntura de 1848, deslocam-se paulatinamente a espaços periféricos, sendo o caso mais conhecido o da Revolução de Outubro de 1917¹.

Esta conjuntura, brevemente sintetizada, constituiu um período decisivo no processo de formação da classe trabalhadora no Brasil, expresso em ideias e práticas que se concretizavam, em razoável medida, em projetos políticos, os quais eram, como se depreende do argumento acima, fenômeno de dimensões globais.²

Desde 1864, pelo menos, que foram ensaiadas tentativas de articulação das lutas dos trabalhadores em agremiações de dimensão maior do que os limites nacionais. A partir da revolução ocorrida no Império Russo e com a posterior construção da Internacional Comunista, sob a égide de seus protagonistas, organizações em toda sorte de países ensaiam projetos revolucionários articulados com uma *estratégia*

¹ HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. pp. 425-461.

² Neste sentido, são de interesse as reflexões de Marcel van der Linden em torno do que vem argumentando em torno de sua proposta de uma "história global do trabalho". As ideias do historiador adquirem especial relevância se o pesquisador ou a pesquisadora as relaciona ao próprio período de expansão das relações capitalistas de produção no bojo do imperialismo: "*No que diz respeito a temas, a História Global do Trabalho focaliza o estudo transnacional e mesmo transcontinental das relações de trabalho e nos movimentos sociais de trabalhadores no sentido mais amplo da palavra. Por 'transnacional', quero dizer, situar, no contexto mais amplo de todos os processos históricos, não importa quão 'pequenos' em comparação com processos em outras partes, o estudo de processos de interação ou a combinação de ambos*". CF: LINDEN, Marcel. História do trabalho: o velho, o novo e o global. *Revista Mundos do Trabalho*. Florianópolis. Vol. 1, n. 1, janeiro-junho de 2009, p. 18.

internacional, fenômeno assemelhado ao que Marcel van der Linden caracterizou como processos históricos transnacionais ou mesmo transcontinentais.

Com a atenção em projetos políticos de teor revolucionário, os quais não correspondiam apenas a situações locais, mas se correspondiam com outros espaços de um sistema em expansão (ainda que guardassem certa “cor local”), este artigo procura discutir, brevemente, alguns dos debates marxistas sobre as tarefas revolucionárias postas no Brasil na conjuntura dos impactos revolucionários internacionais durante os anos 1920. A historiografia vem caracterizando tal década enquanto um período particularmente fértil de projetos de modernização pela via da contestação da ordem estabelecida. Atentos à emergência de uma geração de pensadores revolucionários no Brasil de então, assim escreveram Luiz Bernardo Pericás e Lincoln Secco:

Antes de 1922, os críticos sociais eram, em grande medida, vozes isoladas e dissonantes no painel político e intelectual brasileiro (o médico sergipano Manoel Bonfim, por exemplo, é um dos que se posicionavam em defesa das classes desprotegidas). A partir da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), da Semana de Arte Moderna e dos levantes dos tenentes (1922), uma nova leva de artistas e intelectuais engajados e comprometidos com projetos estéticos, políticos e sociais transformadores se dinamizou, ganhou força e se consolidou como um grupo amplo, com maior capilaridade, penetração cultural e autoridade para vocalizar as expectativas de fatias menos privilegiadas da sociedade. Nesse sentido, a Revolução de Outubro, em 1917, e a constituição do Comintern, em 1919, também exerceram, sem dúvida, um papel fundamental (não só no Brasil, como em toda a América Latina) entre aqueles que aderiram ao marxismo como uma importante ferramenta teórica de interpretação e transformação do país. Nos anos 1920 e 1930, o Brasil testemunhou toda uma “geração” pioneira no que diz respeito à busca por explicações para a opressão e miséria que sofriam os setores mais explorados da nossa população desde o período colonial. De escravos a proletários, as massas oprimidas estiveram no centro das discussões. Havia um claro anseio por respostas aos dilemas do Brasil com base em interpretações inovadoras (que iriam, finalmente, colocar em lugar de destaque as camadas populares), assim como uma necessidade de intervir politicamente na realidade concreta para ulteriormente mudar o painel socioeconômico nacional.³

A década de 1920 é apresentada neste trecho enquanto um ponto de saturação do ordenamento político e social estabelecido, pelo menos, desde o final dos oitocentos. As necessidades de compreensão estrutural do país a partir de suas camadas populares e da decorrente intervenção política na realidade foram urdidas em um quadro de contradições entre um desenvolvimento industrial em processo e interesses econômicos, também oriundos de uma fração da classe dominante, em oposição a estes. É no bojo de tais contradições brasileiras, nas quais Marly Vianna localiza uma “[...] *movimentação vivida pela sociedade* [que] *apontava para uma expansão do horizonte econômico e da*

³ PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln. Apresentação. IN: _____.; _____. (orgs.). *Intérpretes do Brasil*. Clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014. pp. 9-10.

participação política de grupos emergentes até então tolhidos pelas limitações impostas pela República Velha”⁴, vocalizada especialmente pelos tenentes, em que é possível identificar um *momento crítico* da história brasileira, fundamentalmente da trajetória de seu movimento operário.

Os *momentos críticos* são entendidos aqui como períodos que configuram uma conjuntura de crise e revolução, conjuntura esta fundamental ao estudo histórico, pois ilumina uma síntese das contradições de toda uma trajetória:

A tarefa que se deve propor numa história vista a partir das idéias (das idéias políticas) é a de identificar as formas pelas quais uma dada sociedade (ou alguns de seus grupos ou classes) procurou dar respostas aos problemas que julgava mais importantes nos períodos críticos da sua história; em seguida, deve-se objetivar a interação entre essas representações e a realidade vivenciada. [...] O ponto crítico só pode ser visto, em sua plenitude de significado, na longa duração, como síntese das contradições que acompanharam toda uma trajetória. Dessa forma, ao tempo quase imóvel da mentalidade dominante, reforçada por estruturas sociais recorrentes, superpõe-se uma conjuntura crítica, lentamente ritmada, em que as estruturas em crise reproduzem-se incorporando disfunções que levam ao paroxismo da Revolução (tempo curto). As estruturas são sempre históricas. E seus dinamismos internos assumem uma nova condição formadora de novos sistemas dependendo de seu valor estrutural interno.⁵

Discutir *tomadas de consciência*⁶ – processo verificado nas conjunturas de crise e revolução a que se fez alusão acima – implica, neste artigo, investigar o problema da formação de organizações do movimento operário, uma das formas com que “se procurou dar respostas a um período crítico”. Como se depreende da argumentação aqui desenvolvida, a construção de agremiações de luta da classe trabalhadora não constitui “raio em céu azul”, sendo antes possibilidade história gestada em um momento crítico de explosão de contradições. No caso aqui em estudo, o da formação dos grupos comunistas, há a ocorrência do acirramento das contradições entre as correntes operárias no período da I Guerra Mundial, uma questão global com ressonâncias no Brasil,

⁴ VIANNA, Marly. *Revolucionários de 1935*. Sonho e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 27.

⁵ SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português*. Economias, espaços e tomadas de consciência. São Paulo: Alameda, 2004. pp. 18-19.

⁶ “O estudo das tomadas de consciência, da formação da consciência de classe, de ideologia pode servir-se de algumas variáveis melhor apreensíveis desde que sejam referidas à Revolução Industrial. As mediações entre as manifestações mentais e suas bases condicionadas tornam-se melhor apreensíveis e descritíveis, especialmente nas áreas industriais. Lá, as relações de produção tornaram cada vez mais nítidos os confrontos e a hierarquia social e, em consequência, as produções do espírito. Como se sabe, a industrialização funcionou como poderoso princípio ordenador, constituindo uma importante – embora não única – baliza para o tipo de análise a que nos propomos.” Cf: MOTA, Carlos Guilherme. *A idéia de revolução no Brasil e outras idéias*. São Paulo: Editora Globo, 2008. pp. 45-46.

território também prenhe de reorientações aqui já mencionadas⁷.

É lícito, portanto, entender como as formas organizativas da classe trabalhadora, em uma conjuntura crítica, portavam *ideias revolucionárias* e como estas encarnavam-se, ou seja, ganhavam vida prática, em *projetos políticos*⁸. Neste texto, no que compete a ampla gama de ideias revolucionárias que circulavam entre os trabalhadores organizados brasileiros das primeiras décadas do século XX, o foco se dá naquelas “inspiradas” por processos estrangeiros.

Partindo de tais considerações, atenta-se aqui às iniciativas de edição e difusão do pensamento marxista articuladas às próprias agitações dos trabalhadores. Na nascente imprensa comunista e nas próprias elaborações teóricas de Octávio Brandão, primeiro intérprete marxista da realidade brasileira, se fazem presentes paralelismos da realidade brasileira com processos políticos estrangeiros, especialmente de outras formações sociais periféricas, fenômeno que configura a *circulação de ideias*, noção que permite ressaltar o papel ativo da militância brasileira no uso dos referenciais internacionais para a consecução de seus projetos políticos, em um processo que envolve atividades de: produção, difusão, recepção e apropriação⁹. A atenção é especial com o impacto da Revolução Chinesa em processo, dado esta questão ter sido objeto de foco pela Internacional Comunista (IC) e ter alcançado também importância nas discussões internas do Partido Comunista do Brasil (PCB) durante o período, especialmente no que se refere à polêmica sobre aliar-se, ou não, aos tenentes revoltosos daquela conjuntura.

⁷ A relação entre as disputas e realinhamentos ideológicos no seio do movimento operário, seja no estrangeiro, seja no Brasil, na conjuntura do final dos anos 1910 e durante a década de 1920, foi discutida com grande propriedade por Edgard Carone em, pelo menos, duas obras suas. Cf: CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: DIFEL, 1979. p. 5; _____. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 81.

⁸ “Como ideias revolucionárias, me refiro a todo o debate em torno das formas da Revolução Social e de suas possibilidades no país; quanto a projetos políticos, entendo as formas de organização, programas, partidos e tentativas insurrecionais que foram desenvolvidas a partir deste debate ou que se relacionaram de alguma forma com ele.” Cf: BARTZ, Frederico. *Movimento operário e revolução social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922*. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2014. p. 11.

⁹ VALDÉS, Eduardo Devés. El transpaso del pensamiento de América Latina a África a través de los intelectuales caribeños. *História UNISINOS*. São Leopoldo, Vol. 4, n. 2. Jul/dez. 2000. pp. 190-191. As concepções referentes à *circulação de ideias* aqui em tela são devedoras de Pierre Bourdieu, tendo sido aplicadas com rigor por Horacio Tarcus, historiador atento às formas com que o marxismo circulou no cenário argentino nas primeiras décadas do século XX: BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional de ideias. *Enfoques – Revista Eletrônica*. Rio de Janeiro, V. 1, n. 1, 2002, pp. IV-XV; TARCUS, Horacio. *Marx em la Argentina*. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2007.

Lutas dos trabalhadores e iniciativas editoriais: da formação da classe trabalhadora em uma sociedade escravista à publicação de *Spártacus* e *Movimento Comunista*

A luta dos trabalhadores brasileiros na Primeira República se deu de forma articulada com a industrialização então em processo. A agitação da classe não era novidade, tampouco o surgimento de expressões organizativas de suas reivindicações.

No que toca às formas de luta empregadas pela classe trabalhadora, um exemplo relevante a se atentar é o que remete ao histórico das ocorrências de paralizações de atividades. Francisco Foot Hardman e Victor Leonardi indicam a primeira greve operária brasileira como a realizada pelos gráficos cariocas (dos jornais *Correio Mercantil*, *Jornal do Comércio*, e *Diário do Rio de Janeiro*) em 1858¹⁰. Antônio Luigi Negro e Flávio Gomes, por sua vez, atentam às primeiras paredes realizadas no Brasil, paralizações das atividades operadas por trabalhadores escravizados. Os autores enumeram uma série de ocorrências do tipo durante o século XIX, sendo o caso mais antigo o da Fábrica de Pólvora Ipanema, em 1820. Partindo das informações elencadas por estes autores é cabível elaborar hipóteses sobre a formação da classe trabalhadora brasileira não apenas através da recepção da influência imigrante (o que é importante), mas também a partir de ricas experiências de luta anteriores¹¹.

Para além das formas de luta, ou melhor, em articulação com a ocorrência dessas, cabe atentar à importância que as organizações assumiram no processo de formação do movimento operário no Brasil. Novamente aqui é possível recuar a exposição até décadas antes do período privilegiado pela historiografia dedicada ao tema, ainda que seja possível concordar com Edgard Carone no que toca ao “descompasso histórico” verificado nos ritmos de desenvolvimento do movimento operário brasileiro com relação ao europeu, então centro dinâmico de desenvolvimento da sociedade burguesa¹². Não obstante, na sociedade escravista a existência de sociedades de socorro ou ajuda mútua já constituíam uma realidade. Não raro estes eram espaços em que era praticada a solidariedade entre trabalhadores de distinto estatuto jurídico, ou seja, entre livres e escravizados. Marcelo Badaró Mattos elencou alguns exemplos de agremiações

¹⁰ HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil* (das origens aos anos 1920). São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 102.

¹¹ NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. As greves escravas, entre silêncios e esquecimentos. Acesso em: <http://outraspalavras.net/brasil/entre-silencios-e-esquecimentos-as-greves-dos-trabalhadores-negros/>, às 02:03 de 12/07/2017.

¹² CARONE, Edgard. Op. cit, 1979. pp. 5-8.

engajadas na libertação de trabalhadores escravizados, tais como o Circulo Operário Italiano, o Clube Abolicionista Gutemberg (espaço de atuação dos tipógrafos do Rio de Janeiro) e algumas categorias, como os ferroviários¹³. À população negra, escravizada ou liberta, restava a participação em associações de cariz religioso, formuladas especialmente para a legitimação da ordem, sendo-lhes vedado tomar parte nas entidades de socorro mútuo. Esta limitação legal não significou a sua completa submissão, sendo localizados historicamente exemplos de escravizados e ex-escravizados que se organizavam de forma clandestina, como no Bloco de Combate, animado por João de Mattos. Mesmo as irmandades católicas eram utilizadas, muitas vezes, com finalidades seja de apoio entre categorias de trabalhadores seja com um viés claramente abolicionista (há registros de iniciativas de impressão de jornais ligados à causa)¹⁴.

Estas variadas experiências, é lícito operar com tal hipótese, configuraram permanências no processo constante de construção da consciência de classe do operariado brasileiro, materializando-se em formas de luta e organização distintas em outras conjunturas históricas. No que toca os objetivos deste artigo, cabe referenciar a formação de entidades de teor sindical, de agitação e/ou partidário. Estas são localizadas fundamentalmente a partir da década de 1890. Não é por acaso a coincidência entre tal data e a animação da II Internacional, socialista, na Europa¹⁵. O anarquismo também era uma presença marcada naquele período.

Em estudo acerca da relação da difusão da corrente ideológica anarquista no Brasil e o fluxo de imigrantes europeus aqui verificado a partir da segunda metade do século XIX, o brasilianista Sheldon Maram constatou que o anarcossindicalismo “[...] *foi a força ideológica mais influente no movimento operário brasileiro*”¹⁶. No momento agora em discussão, mais ou menos a virada de século, há uma novidade de teor qualitativo em que os anarquistas possuem protagonismo: a construção de uma imprensa operária. Processo com percalços, especialmente no que toca o financiamento da atividade jornalística:

A primeira iniciativa dos anarquistas foi tentar levar adiante seu trabalho através do voluntarismo. Os primeiros jornais anarquistas e

¹³ MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. pp. 19-20.

¹⁴ Ibidem, pp. 21-24.

¹⁵ JOFFILY, Mariana. *O socialismo na França e no Brasil durante a II Internacional Socialista (1889-1918)*. São Paulo: Alameda, 2012.

¹⁶ MARAM, Sheldon. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 73.

anarcossindicalistas tentaram sobreviver apenas de contribuições. Os militantes eram poucos e possuíam poucos recursos econômicos. Já se podia prever o resultado: poucos jornais conseguiram sobreviver além do quinto número. [...] O tempo passava, e os anarquistas procuravam um suporte financeiro mais eficaz [para atividades editoriais]. Passaram a vender assinaturas. A evolução dos sindicatos foi semelhante. Para financiar suas primeiras greves e operações quotidianas contavam apenas com as contribuições ‘espontâneas’. Posteriormente passaram a cobrar taxas obrigatórias e fundos de greves, práticas características dos sindicatos ‘burgueses’. Recorreram, também, a algumas técnicas de levantamento de fundos outrora consideradas corruptas, como festas e rifas.¹⁷

Os socialistas também tiveram a sua trajetória marcada por existências efêmeras, seja de suas organizações, seja de seus órgãos jornalísticos. Boris Fausto constatou uma interessante contradição no movimento: a sua penetração nos meios populares era “escassa”, mas os sinais de sua atividade, em São Paulo, seriam “[...] *mais visíveis do que o anarquismo*”¹⁸, força ideológica de enorme influência nos trabalhadores organizados de acordo com Maram, como já mencionado. Fausto identificou, já ao final do século XIX, a presença de referências a Karl Marx, “*primus inter pares*” na conformação do socialismo, de acordo com o quinzenário *A Questão Social*, veículo animado pelo Centro Socialista de Santos¹⁹. A despeito de ser reivindicada a imagem do pensador e militante alemão, o autor não deixa de destacar que, no geral, o conteúdo ideológico dos programas e manifestações dos socialistas brasileiros se orientava por uma leitura evolucionista e reformista.

Um importante ponto de mudança no que toca os grupos socialistas é o da conjuntura crítica da Grande Guerra (1914-1918). Deve-se recordar que aqueles anos foram de degradação das condições da vida material da classe operária, seja na Europa, seja no Brasil, com a situação da carestia²⁰. Como já escrito no início deste texto, aqueles foram anos de abalo sistêmico verificado especialmente nas periferias, sendo a vitória bolchevique em Outubro de 1917 um ponto destacado daquele período. No que tange os trabalhadores brasileiros, um episódio significativo em tal conjuntura é o da greve geral de 1917 em São Paulo. Evento de grande destaque na historiografia especializada, não foi ocorrência única, sendo verificadas mobilizações em outras regiões do Brasil, tais como a greve geral de 1919 em Salvador, ocorrida entre os dias 02 e 12 de junho, em um espaço em que partidos de cariz proletário já despontavam

¹⁷ Ibidem, pp.76-77.

¹⁸ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. (1890-1920). São Paulo: DIFEL, 1976. p. 97.

¹⁹ Ibidem, pp. 97-98.

²⁰ BARTZ, Frederico. O maximalismo como problema: circulação e apropriação da ideia de bolchevismo no movimento operário brasileiro durante os primeiros anos da Revolução Russa. *Izquierdas*. Colombia, n. 31, diciembre 2016, pp. 236-237.

desde 1890²¹. A articulação entre essas importantes experiências de luta, componente fundamental do próprio processo de formação (*fazer-se*) de uma classe, com uma conjuntura de avanço das forças proletárias a nível internacional resultou em novas orientações organizativas. De acordo com Carone, os socialistas brasileiros apresentam, após o fim da guerra, duas novidades qualitativas: maior densidade numérica e presença geográfica nos diferentes estados brasileiros, bem como influência da Revolução Russa²².

Outubro de 1917 não impactou apenas os socialistas. Também os anarquistas se relacionaram com aquele processo, muito provavelmente também já experimentados nas lutas desenvolvidas durante os últimos anos. Cabe verificar os órgãos de imprensa em que se envolveram, instrumentos de importância destacada nas atividades organizativas.

O periódico *Spártacus* é, então, significativo. Fundado em 1919, já em seu número inicial, justificando o seu título, são expostas de forma clara as referências que nortearam a prática daqueles nele engajados:

Carlyle, em sua galeria heroica, se esqueceu do herói *como revolucionário* e não viu, na biografia dêsse escravo, as revelações do mais desabalado heroísmo. A história, parcialíssima, guardou, minuciosamente, os feitos do ambicioso e futilíssimo Pompeu, deu-lhe o triunfo sobre Spártacus, e, dêste grande homem, registrou frases suspeitas e largos movimentos de campanha. Plutarco não nos biografava o gladiador: fala nêle biografando Crassus. Não importa. Para o símbolo vale muito a semi-obscuridão histórica. Ela apaga as circunstâncias para focalizar o tipo em sua significação ideal. Tira dêle o muito humano que o degradaria e lhe infunde algo divino que sugere e nos seduz. Seja como fôr, Spártacus avulta, cada vez mais, na história antiga. Esquecido sistematicamente, sua efígie começa a iluminar-se no passado, desde que entre homens repontou a sêde de justiça, o pruído de emancipação. Os franceses de 89 elevaram-lhe uma estátua. Com o seu nome, Liebknecht apostolou a redenção dos homens na Alemanha. Sob a sua imagem os grupos comunistas derribaram, na Alemanha, o andor militarista, apressando a queda dos impérios. Á sua sombra inda militam contra lordes e argentários, para que não se renove o morticínio, nem se restaure o imperialismo. Spártacus foi um clamor humano, o angustiado grito de milhões de mártires, um protesto sangrentíssimo contra os amos da República, a reclamação erguida em lei, a igualdade em rebelião.²³

Este texto foi assinado por José Oiticica, destacado militante anarquista. Integrava o Grupo Editorial, constituído perante as dificuldades na publicação de *Spártacus* como diário, seu plano original. Entre os outros integrantes que também

²¹ CASTELLUCCI, Aldrin. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise (1914-1921)*. Salvador: FIEB, 2004; FONTES, José Raimundo. Marighella e o movimento operário baiano no período da “redemocratização” (1945-1947). IN: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

²² CARONE, Edgard. Op. cit., 1989. p. 81.

²³ OITICICA, José. Spártacus. IN: *Spártacus*. N. 01. Rio de Janeiro: 02/08/1919. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

comungavam de ideias anarquistas incluía-se Astrojildo Pereira. Octávio Brandão também assinava texto que figurava na capa do nascente veículo.

Não compareciam apenas referências a processos longamente deslocados no tempo, tal como o do escravo romano Spartacus, apresentado como um inspirador da “*sêde de justiça*” e do “*pruído de emancipação*”, mas também a ocorrências contemporâneas, mas em outros espaços, como na Alemanha daquele ano, quando Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht se apropriaram também de Spartacus em sua luta. No já citado primeiro número, por exemplo, é veiculada a “*Proclamação da Hungria comunista aos trabalhadores do mundo*”²⁴. Agitações sindicais na Holanda e na Inglaterra também são noticiadas, bem como é reproduzida integralmente uma mensagem de Lênin para os trabalhadores americanos.

O ano de 1919 não foi marcado, no que tange às iniciativas de difusão de notícias de agitações e, especialmente, de escritos de dirigentes da classe trabalhadora, apenas por *Spártacus*. Edgard Carone identificou que já despontavam no mercado de então: “[...] grande número de obras de Lenine, Boukharine, Trotski, Losovski, K. Radek e outros: eles chegam da Argentina e do Uruguai, também da França.”²⁵

A imprensa orientada pelos princípios de Lênin, contudo, demandava iniciativas mais robustas²⁶. Os princípios mais rígidos da disciplina a partir das concepções leninistas só podem ser encontrados após a fundação da Internacional Comunista (1919) e de seu próprio contato pela militância brasileira²⁷. Os acontecimentos estrangeiros, russos especialmente, afetavam o pensamento radical no Brasil. Ronald Chilcote recupera entre as tentativas de criação de partido comunista no Brasil ocorrências já em

²⁴ Proclamação da Hungria comunista aos trabalhadores do mundo. IN: *Spártacus*. N. 01. Rio de Janeiro: 02/08/1919. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 2.

²⁵ CARONE, Edgard. Introdução. IN: _____. *O P.C.B. (1922-1943)*. Vol. 1. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 4.

²⁶ O suporte de comunicação, articulação, agitação e propaganda dos comunistas era a imprensa. A imprensa operária orientada a partir de uma “*concepção leninista de imprensa*”, como já observou Antônio Rubim, antecedeu a formação do próprio Partido em 1922. Sobre a referida concepção escreveu: “[...] o sistema leninista de imprensa proporia a existência de um órgão central e uma revista teórica, centro ideológicos do partido, diretamente vinculados ao Comitê Central; um ou vários jornais ‘populares’/‘de massas’, buscando atingir trabalhadores com certo nível de consciência e atuação e, por fim, folhetos, agitação verbal e jornais legais de ‘massas’.” Cf. RUBIM, Antônio. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. IN: QUARTIM DE MORAES, João (org.). *História do marxismo no Brasil*. Teorias. Interpretações. Vol. 3. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 382.

²⁷ Sobre o importante tema do processo de diálogo entre os militantes comunistas brasileiros com a IC e os projetos políticos aqui ensaiados, cabe conferir duas obras clássicas: PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*. A revolução mundial e o Brasil. 1922-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa*. A política de alianças do PCB: 1928-1935. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

1918, na cidade de Livramento, no Rio Grande do Sul. Outras tentativas também existiram, mesmo de inspiração anarquista. Mais importante, para os propósitos neste texto, é atentar para o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, de 1921. A sua influência foi considerável na formação de agrupamentos assemelhados em outras localidades brasileiras. Não se deve ignorar o fato que já objetivavam a formação de um partido de dimensões nacionais e a avaliação dos princípios da IC²⁸.

Parte dos desígnios da Internacional era referente à necessidade de se existir um órgão doutrinário daqueles que pretendiam tornar-se seção nacional. O Grupo Comunista, possivelmente atento a esta exigência, utilizou-se de um órgão mensal para os seus propósitos de propaganda. Neste ínterim surgiu, no início de 1922, a revista *Movimento Comunista*, objetivando também congregar aqueles ativistas brasileiros que, na voga da Revolução de Outubro e das experiências locais de luta política, procuravam construir uma organização que legasse disciplina à crescente e combativa massa trabalhadora, tendo em vista um direcionamento programático. A iniciativa não pode ser reduzida, contudo, à mera imposição da IC. Os trabalhadores brasileiros identificados com a revolução que tomou corpo na Rússia em 1917 já procuravam acompanhar os acontecimentos daquela porção do globo e difundi-los entre a sua classe, como foi o caso citado de *Spártacus*, um dos tantos periódicos operários que despontavam naquela conjuntura. A difusão de informações, mais do que uma forma de noticiar outrem, cumpria então também uma função organizativa. A palavra escrita tinha um papel fundamental na luta revolucionária, o que se verificava tendo em vista a própria experiência dos bolcheviques.

Nas páginas de *Movimento Comunista* estão presentes os registros dos interesses de destacados militantes brasileiros pelos processos revolucionários e experiências de luta alhures. A atuação dos bolchevistas na Rússia era presença constante no periódico, via de regra através de textos de punho dos próprios dirigentes locais, tais como Victor Serge, Leon Trotsky e Nikolai Bukharine, de acordo com a grafia da época. Para além dos ocorridos na terra das estepes, havia a atenção no papel que a América Latina cumpria na crise mundial, bem como nas mobilizações em territórios também periféricos, como é o caso da Pérsia e da Índia²⁹.

²⁸ CHILCOTE, Ronald. Op.Cit., pp. 54-57.

²⁹ Estas localidades no Oriente estavam em ebulição política ao mesmo passo que a revolução proletária na Europa, aposta e esperança dos bolcheviques, refluía. Tal fato despertou a atenção não só dos comunistas brasileiros, mas também da IC, cujo II Congresso (1920) teve entre as suas marcas a

Astrojildo Pereira, por exemplo, discute a questão da crise capitalista posta naquela conjuntura e as possibilidades então abertas ao proletariado:

A grande guerra poz em desequilíbrio não sómente o mundo capitalista, mas também o mundo proletario. Com uma diferença: que o desequilíbrio do mundo capitalista é um desequilíbrio mortal, de decadencia de valores, ao passo que o desequilíbrio do mundo proletario é um desequilíbrio vital, de renovação de valores. A crise do mundo capitalista é uma crise de agonia; a crise do mundo proletario é uma crise de parto.³⁰

O problema da *crise*, fenômeno verificado em um mundo capitalista e em um mundo proletário, da forma com que foi apresentado no texto de Astrojildo Pereira configura uma possível manifestação do que Lenin já havia identificado como o *imperialismo*, “etapa superior do capitalismo”. Esta conceituação não possuía pouca importância na luta política de então. Os ecos da guerra imperialista, terminada há alguns anos, preocupavam a militância na América Latina:

[...] essa trama guerrista é manejada por mãos de cupidos negociastas da finança e da metallurgia alliadas. Comprehende-se. As industrias de guerra dos paizes vitoriosos necessitam, sob pena de derrocada por plethora (o que já aconteceu à casa *Ansaldo*, de Itália), necessitam de expansão mundial, de novos mercados pelo mundo. A America do Sul aparece-lhes naturalmente como um escoadouro de primeira ordem. Dahi, as missões militares, que ao mesmo tempo, directa ou indirectamente, são também missões commerciaes, ao serviço dos fabricantes de armamentos. E dahi as campanhas de desconfianças e intrigas entre os Estados do continente, vehiculadas pela imprensa nacionalista, - aliás perfeitamente “internacionalista” em matéria de subvenções... Ora, aos trabalhadores da America do Sul - do Brazil, da Argentina, do Chile, do Uruguay - incumbe uma vigilancia permanente a taes manejos, e não só vigilancia, mas uma acção commum no sentido de evitar-se, entre nós, o agravamento da nefasta e ruidosa politica de “paz armada”, cujo fim logico seria a repetição da calamidade européa de 1914-1918. Está no interesse immediato, concreto, das massas operarias deste continente oppôr-se energicamente contra a megalomania imperialista e guerrista de plumitivos e politicos sem escrupulos, que pretendem, a soldo de ambições estranhas ás nossas mesmas condições economicas e politicas, crear rivalidades artificiaes, fomentando desconfianças abstrusas, alimentando, emfim, uma hostilidade a todos os títulos irracional e maldosa.³¹

O grupo envolvido na consecução de *Movimento Comunista* não ficou limitado a este órgão jornalístico, conseguindo romper as barreiras geográficas postas à organização partidária. A mobilização operária, que já configurava um processo nacional em uma conjuntura de abalos de caráter planetário teve um ponto de cristalização em março de 1922, pouco tempo após o surgimento da revista citada, quando nove delegados, representando 73 militantes, oriundos de variadas localidades

discussão da chamada “questão nacional e colonial”. Cf: DEL ROIO, Marcos. Op. cit., 1990. pp. 87-88.

³⁰ PEREIRA, Astrojildo. Não nos assustemos com o debate. IN: *Movimento Comunista*. N. 03. Rio de Janeiro: 03/1922. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 69.

³¹ PACIFICO, Americo. Enquanto é tempo... IN: *Movimento Comunista*. N. 03. Rio de Janeiro: 03/1922. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 78-79.

nacionais, reúnem-se em Niterói para um congresso objetivando a “[...] *fundação de um Partido Comunista, de acordo com as 21 condições fixadas pela III Internacional para reconhecimento dos partidos comunistas como sua seção nacional*”³². É iniciado o Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista (SBIC).

O avanço organizativo que foi a formação do PCB só pôde ser possível devido a uma combinação de fatores: o impacto da vitoriosa Revolução Russa de 1917 e o crescimento de lutas operárias no Brasil³³. Alguns episódios exemplares da gradual agitação política protagonizada pela classe trabalhadora brasileira foram os das greves de 1907 e 1917³⁴. Partindo do pressuposto de que o comunismo – mais especificamente, o impacto da revolução levada a cabo por aqueles que, em seu processo, adotarão para si a denominação de “comunistas” – precedeu o desenvolvimento do marxismo no Brasil e as teorizações revolucionárias referentes a este país³⁵, cabe discutir rapidamente neste texto o impacto da agitação comunista alhures, as referências que os militantes brasileiros de então veiculavam acerca de outros processos de luta, não apenas ao importantíssimo caso russo, mas também ao que se operava em outras formações sociais da periferia do sistema capitalista. Neste caso a atenção é dada ao processo revolucionário chinês, que teve significativa repercussão na imprensa comunista brasileira e nas próprias táticas de alianças políticas animadas pelo PCB durante a segunda metade dos anos 1920.

O problema da revolução democrática pequeno-burguesa: distintas interpretações entre Octávio Brandão e o Grupo Comunista Lenine

Não apenas os trabalhadores da cidade e do campo estavam mobilizados politicamente nas primeiras décadas do *novecento* brasileiro, mas também a classe média urbana, representada politicamente nos militares de baixa patente que configuraram o chamado *tenentismo*. Os tenentes expressavam os limites ideológicos

³² RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. IN: FAUSTO, Bóris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*: Tomo III, Vol. 10, *O Brasil Republicano*. São Paulo: Difel, 1981. p. 363.

³³ BARTZ, Frederico. *Movimento operário e revolução social no Brasil*: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2014.

³⁴ PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior*. Uma biografia política. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. pp. 21-22.

³⁵ SECCO, Lincoln. Origens intelectuais do marxismo no Brasil (1830-1919). IN: *Mouro*, Revista Marxista – Núcleo de Estudos d’O Capital. Ano 4, n.º. 6, pp. 9-24, janeiro de 2012.

desta classe média, orientando-se por leituras fundamentalmente inspiradas no positivismo, *corpus* filosófico que já se fazia presente no debate público brasileiro inspirando não só os responsáveis pela proclamação da República, como contribuindo também na formação dos próprios comunistas revolucionários de então³⁶. Não foram poucas as vezes que os tenentes, assim como a classe trabalhadora, se levantaram, ainda que com objetivos distintos. Já em 1922, ano de fundação do Partido Comunista, os militares protagonizaram um importante episódio – a revolta dos “18 do forte”, em Copacabana. Em 1924, por sua vez, envolveram mais pessoas em sua revolta, desta vez em São Paulo³⁷.

É no bojo da revolta que eclodiu em São Paulo e na égide de um marxismo já em processo de inspiração pela Internacional Comunista que vem a lume a primeira tentativa de interpretação marxista da realidade brasileira³⁸. O seu realizador era um militante alagoano, de nome Octávio Brandão, anarquista de formação que aderiu às ideias do bolchevismo com a voga do impacto da Revolução Russa, itinerário este que não era exclusividade sua, como se atesta através da trajetória de Astrojildo Pereira, que também acabou orientando-se ideologicamente ao maximalismo no processo de consolidação do Partido Comunista³⁹.

Com a assinatura de Fritz Mayer, Brandão prepara um estudo desde 1924, quando do segundo levante tenentista, que só vem a lume em 1926, com a indicação não

³⁶ Antonio Carlos Mazzeo, discutindo a formação intelectual dos militantes e trabalhadores organizados responsáveis pelas primeiras elaborações teóricas marxistas latino-americanas, ressalta que a hegemonia filosófica positivista na América Latina configurou um “[...] *componente estrutural na construção das formas analíticas da realidade latino-americana e de uma intelectualidade situada na periferia do capitalismo e permeada pela ideologia da conciliação, cuja base de fundamento era o positivismo*”. Mazzeo também assinala, a partir da leitura de Cláudio Batalha, que muitas das interpretações então em trânsito no continente se devem ao ecletismo presente na formação dos imigrantes europeus que vinham aportando à tal espaço em modernização, onde não raro concepções socialistas se amalgamavam a “*concepções lassalianas, comtiana, darwinistas e spencerianas*”. Cf: MAZZEO, Antonio Carlos. Notas sobre a via colonial do desenvolvimento do capitalismo. IN: _____. *Estado e burguesia no Brasil*. Origens da autocracia burguesa. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. pp. 116-117.

³⁷ CARONE, Edgard. *O tenentismo*. Acontecimentos, personagens, programas. São Paulo: DIFEL, 1975. pp. 9-15.

³⁸ Cabe destacar que quadro semelhante também era encontrado em outros locais da América Latina durante a década de 1920. Tentativas de interpretação nacional e práticas políticas iluminadas pelo marxismo tiveram um momento de “ebulição” durante tal período. O exemplo mais conhecido é o do peruano Juan Carlos Mariátegui, atento às particularidades de sua realidade nacional, mas sem esquecer da inserção desta em uma estratégia socialista internacional. Cf: RICUPERO, Bernardo. Existe um pensamento marxista latino-americano? IN: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo. *América Latina: história, idéias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998. pp. 55-76; LÖWY, Michael. Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. IN: _____. (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. pp. 9-64.

³⁹ MAZZEO, Antonio Carlos. Astrojildo Pereira. IN: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

apenas de um pseudônimo como também de um falso local de edição, Buenos Aires, dado que o autor estava atento aos perigos da repressão. Seu título é “*Agrarismo e industrialismo no Brasil: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*”. O texto é pioneiro ao discutir a articulação entre a dominação imperialista no Brasil e a presença do problema do “agrarismo”, expresso na aliança entre “*oligarquia agrária entrelaçada com a oligarquia financeira*”.

É atribuída a Brandão a criação da expressão *marxismo-leninismo*, termo que se tornou célebre na caracterização do Movimento Comunista Internacional. A sua empreitada teórica não se resumia em investigação desinteressada, mas antes era uma peça de intervenção no que acreditava ser um processo revolucionário. Inseria-se, cabe destacar, em um processo de incremento da divulgação do pensamento oriundo do Partido Comunista. Para além dos jornais e folhetos, bem como pela divulgação da obra de revolucionários russos, o próprio PCB tornou-se responsável por algumas edições de livros, iniciativa em que se insere o esforço interpretativo de Octávio Brandão.

Ao investigar as causas dos conflitos que vinham assolando o país, localiza tais enfrentamentos antes como “*Episódio da luta de classes no setor brasileiro de uma batalha internacional: aí está a nossa interpretação da revolta de 5 de julho de 1924*”. Expressão de uma contradição de caráter universal, as revoltas no Brasil são apresentadas por Brandão em semelhança com episódios de outras quadraturas:

Trata-se [a revolta de São Paulo de 1924], pois, de um episódio, uma escaramuça local de uma grande batalha internacional: a guerra internacional das classes. No Brasil, a pequena burguesia luta contra o fazendeiro de café. Nos países “civilizados” o proletariado luta contra a burguesia. Eis a diferença, o que mostra o nosso atraso de bugres da América do Sul. No Brasil, os pequeno-burgueses lutam contra os agrários feudais como na Alemanha em 1848. No Egito de Zaglul Pacha, na Turquia de Mustapha Kemal, no Afeganistão de Amanullah, na Pérsia de Riza-khan, na Síria e na Mesopotâmia do Partido Nacional árabe, os burgueses em geral lutam contra os agrários feudais e lutam ao mesmo tempo pela independência nacional.⁴⁰

A postura política que emerge de *Agrarismo e industrialismo* se orienta à colaboração com a pequena-burguesia revoltosa, ator que é o protagonista político da interpretação de Octávio Brandão, ainda que o título de seu escrito aponte para uma contradição envolvendo atores diversos: os grandes fazendeiros de café e os grandes industriais. Ao enumerar as causas políticas dos ocorridos em julho de 1924 fica clara a sua leitura da expressão particular brasileira do conflito que, como já posto, é episódio local de uma batalha conjunta internacional:

⁴⁰ BRANDÃO, Octávio. *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006. p. 31.

A vontade de dominação dos grandes industriais, cujos interesses muitas vezes são desprezados pelos grandes fazendeiros de café. A rivalidade crescente entre ambos, rivalidade política resultante da rivalidade econômica – comparar a produção manufatureira do Estado de São Paulo com a sua exportação cafeeira para ver que aquela, proporcionalmente, tem progredido mais que esta e caminha para nivelar-se-lhe e, posteriormente ultrapassá-la.⁴¹

Se a interpretação de Brandão foi gestada já em 1924, no calor dos acontecimentos de São Paulo, o seu texto só veio ao conhecimento público dois anos depois, em uma edição redobrada de cuidados com a repressão, como já citado. Em termos tanto internacionais quanto nacionais alguns novos elementos influíam nas interpretações comunistas. Do estrangeiro, há que se ressaltar as disputas em processo no seio da própria Internacional Comunista, movimento que acompanha os confrontos em curso no seio da Rússia revolucionária após a morte do dirigente bolchevique maior, Vladimir Lênin. Neste ínterim, um fator que atuava de forma decisiva nestas disputas era a questão do processo revolucionário chinês.

O Partido Comunista da China (PCCh), formado em 1921, processava uma aliança política com o *Kuomintang*, partido de caráter burguês e nacionalista. Isto era acompanhado com atenção pela Internacional Comunista, a qual já era espaço de disputa entre lideranças de variados países. Mais importante do que isto, a IC já se interessava pelo Oriente em passo gradual, de acordo com as preocupações de Lênin em: “[...] *articular o movimento revolucionário do proletariado europeu com as massas oprimidas dos países orientais e com os movimentos de libertação nacional daquelas regiões, procurando, ao mesmo tempo, garantir a ideia da vanguarda operária no comando da revolução mundial*”⁴². A “*guinada para o Oriente*” do Movimento Comunista Internacional significava em alguma medida a tentativa de romper com o isolamento sofrido pela Rússia soviética através da aposta em movimentos de emancipação ditos orientais. As políticas específicas determinadas para os povos chamados “*coloniais e semi-coloniais*” sofreu sensíveis modificações de acordo não só com as vicissitudes do *Komintern* como com os próprios desenvolvimentos do processo revolucionário russo, fator determinante sobre todo o movimento comunista⁴³.

O ano de 1927, no que toca a novos fatores no cenário brasileiro, teve como uma de suas marcas um avanço importante nas políticas editoriais do Partido Comunista do

⁴¹ BRANDÃO, Octávio. *Ibidem*, p. 27.

⁴² MAZZEO, Antonio Carlos. *Sinfonia inacabada*. A política dos comunistas no Brasil. Marília: Unesp; São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. p. 35.

⁴³ *Idem*.

Brasil, o que era manifesto no dia 03 de janeiro, quando vinha a lume o primeiro número de seu novo diário oficial: *A Nação*. O veículo já possuía existência prévia, sob a chefia de Leonidas de Rezende, positivista que vinha paulatinamente flertando com o marxismo, sendo que, a partir do número 270, a apresentação do órgão passava a ser acompanhada do símbolo da foice e do martelo, sob as famosas últimas palavras do *Manifesto do Partido Comunista*: “*Proletarios de todos os países, uni-vos!*”. Não eram as únicas referências às palavras de ordem marxistas, constando também na capa sempre algum verso d’*A Internacional* e variadas frases de autoria de revolucionários. Também em *A Nação* estavam presentes notícias e comentários constantes da conjuntura internacional em uma coluna regular sobre o tema: “*Política Internacional*”. Não apenas nesta coluna eram veiculadas referências ao estrangeiro, estando diluídas as discussões sobre os acontecimentos e processos externos às fronteiras brasileiras.

A Nação foi o veículo proletário brasileiro em que circularam notícias do processo revolucionário chinês, o qual gradualmente requisitava a atenção do Movimento Comunista Internacional. Os feitos chineses serviam então de inspiração política em formulações no Brasil, de acordo tanto com as diretrizes vigentes na IC quanto com a atuação de sua seção brasileira de acordo com os seus desígnios locais. A reivindicação pelos comunistas brasileiros do “caminho chinês” foi veiculada em artigos como “*Tres paizes semelhantes. A Rússia, a China e o Brasil, libertos do imperialismo salvarão o mundo!*”⁴⁴ e “*Aliança do proletariado com a pequena burguezia oprimida! O Brasil deve seguir o exemplo da China heroica!*”⁴⁵.

Qual era o exemplo chinês a ser seguido? Em um dos artigos mencionados acima, após apresentado o quadro de uma luta em que se aliavam operários, camponeses e “pequenos burgueses em geral” tendo em vista a independência e unidade da China enquanto “[...] *republica democratica pequeno-burgueza, preliminar d’A republica proletária*”, evidencia-se o paralelo:

O quadro em questão é chinês. Mas também é brasileiro. Os fazendeiros de café são os grandes proprietários rurais feudais do Brasil. São os senhores do governo. Perseguidores dos operários, dos lavradores pobres e dos pequenos burgueses. Assassinos dos revoltosos de Copacabana e São Paulo. E aliados dos banqueiros de Londres e Nova York. Votam leis sceleradas para cumprir as ordens destes. E, assim, vão vendendo o Brasil aos imperialistas estrangeiros. O Partido Comunista do Brasil, defensor dos interesses gerais do proletariado e de todos os explorados, convida todos os pequenos

⁴⁴ Tres paizes semelhantes. A Rússia, a China e o Brasil, libertos do imperialismo salvarão o mundo!! IN: *A Nação*. 11/08/1927. N. 457. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

⁴⁵ Aliança do proletariado com a pequena burguezia oprimida! O Brasil deve seguir o exemplo da China heroica! IN: *A Nação*. 13/06/1927. N. 406. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

burguezes oprimidos a uma união sólida contra os opressores nacionais e contra a intervenção do imperialismo estrangeiro na vida interna do Brasil. Lembremo-nos da China! Não consentamos que o país se transforme em colônia dos banqueiros de Londres e Nova York. Somos 30 milhões. Não podemos permitir que 13 mil exploradores sem consciência vendam o Brasil aos imperialistas. Operários, lavradores, intelectuais, pequenos proprietários, unamo-nos contra os fazendeiros de café e seus patrões estrangeiros! Abaixo as leis encomendadas por Londres e Nova York! Liberdade para os pobres! Vivam a China e o Brasil dos proletários e pequenos burgueses unidos!⁴⁶

O dever assumido pelos comunistas brasileiros foi o de engajamento também em movimentos tidos como democráticos e comprometidos com o desenvolvimento do capitalismo em seu país tendo em vista superar a “penetração imperialista” e as relações de trabalho “feudais”, posição que implicava, portanto, em colaboração política com movimentos de caráter “burguês” ou “pequeno-burguês”. Em outras palavras, “Fazer um *Kuomintang* brasileiro!” era o lema veiculado em *A Nação*. Cabia, para tanto, realizar uma aliança do PCB com os tenentes. A tática orientava-se não apenas a partir dos exemplos do processo revolucionário que ocorria na China, mas também por uma demanda de maior inserção no cenário político brasileiro.

O tema das alianças com os tenentes revoltosos, cuja atenção era destacada, sendo um indício o próprio fato de ensejar o ensaio de Octávio Brandão, era polêmico. De início, importantes dirigentes ficaram, se não reticentes, com marcada oposição à possibilidade de aliarem-se aos tenentes. Tal é o caso de Astrojildo Pereira, secretário-geral do PCB nos anos 1920, que advogava pela necessária neutralidade proletária perante as “*perturbações intestinas da política burguesa*”, não poupando críticas ao já citado movimento dos 18 do Forte, identificando laivos ditatoriais nos militares mobilizados. Michel Zaidan Filho não deixa de ressaltar, contudo, que a despeito das críticas de Astrojildo Pereira, variados militantes podem ter sentido simpatia pelas rebeliões militares, existindo indícios de uma tentativa de aliança entre dirigentes tanto da classe operária quanto do movimento tenentista. O que é fato, de acordo com o autor, é que a partir da rebelião de 1924 as articulações de lideranças dos distintos movimentos tornaram-se mais efetivas⁴⁷. Os resultados para o PCB foram pífios em termos de avanço político, sendo a organização alvo de “*brutal repressão*” após os ocorridos. O único ponto positivo dos “*insucessos de 1924*”, ainda de acordo com Zaidan Filho, foi o surgimento da “[...] *primeira tentativa de uma análise ‘marxista-leninista’ do sistema de contradições da formação social brasileira, especialmente da conjuntura*

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ ZAIDAN FILHO, Michel. *Comunistas em céu aberto*. 1922-1930. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989. pp. 14-15.

*'revolucionária' dos anos vinte e das tarefas políticas da classe operária e sua vanguarda em face desta conjuntura*⁴⁸.

As contribuições de Octávio Brandão aos esforços interpretativos de seu Partido não se resumiram a *Agrarismo e industrialismo*, o “ponto positivo” das derrotas em 1924. Seguiria atento à questão das alianças necessárias às tarefas revolucionárias postas. Expressou isto em um importante momento de definição partidária: os debates preparatórios ao III Congresso do PCB. A conjuntura era de efervescência política. A sombra dos tenentes ainda se projetava como possibilidade de contestação frente à ordem instituída. Cabia aos comunistas formularem uma atuação consciente perante os militares revoltosos.

A primeira tentativa de interpretação marxista-leninista da realidade brasileira, *Agrarismo e industrialismo*, foi urdida tendo em vista as tarefas políticas dos comunistas, especialmente no que toca a pequena-burguesia revoltosa. E *é pari passu* o desenvolvimento das mobilizações desta que os comunistas empenharam-se em tentar desvendar qual o caráter da revolução a ser realizada no Brasil.

É neste íterim que o militante Octávio Brandão, na *Tribuna de Debates* preparatória ao III Congresso do PCB, no ano de 1928, com a intervenção “*O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*”⁴⁹, assumiu o exemplo do processo revolucionário chinês em sua proposta – como ocorrera, sob outra autoria, um ano antes nas páginas de *A Nação* -, na qual se fazem presentes elementos típicos da cultura política dos comunistas de então, os quais já foram enunciados em seu texto de anos antes, como a necessidade de libertação da dependência econômica do Brasil pela via da luta conjugada contra o feudalismo e o imperialismo como estruturas articuladas. Não se reduzia a particularidade histórica brasileira a um esquema teórico rígido e mecânico, mas antes encontrava-se similitudes entre realidades assemelhadas. Assemelhadas pela sua posição estrutural de subordinação ao mesmo centro sistêmico.

No caso dos debates de 1928, mais e mais se encontravam semelhanças entre a revolução brasileira e o processo revolucionário na China, tendência que já se apresentava de forma clara nas páginas de *A Nação* um ano antes. Cabe discutir como, a partir das particularidades brasileiras, foi apropriado o exemplo chinês pelos comunistas

⁴⁸ Ibidem, p.17.

⁴⁹ BRANDÃO, Octávio. O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa. *Autocrítica* (8): 1928. pp. 12-15. Reproduzido em: BRANDÃO, Octávio. O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa. IN: ZAIDAN FILHO, Michel. *PCB (1922-1929)*. São Paulo: Global, 1985. pp. 121-132. Doravante, será esta reprodução em Zaidan Filho a citada em casos de referência ao texto de Octávio Brandão.

do Brasil. Antes de tudo, deve-se esclarecer como os militantes brasileiros propunham as suas tarefas históricas: o problema imediato posto entre o PCB naquela altura dos anos 1920 não era o da revolução proletária, porém o da revolução democrática pequeno-burguesa, sendo a revolução proletária um *desenvolvimento* da etapa pequeno-burguesa – ou seja, o processo da revolução brasileira demandava a realização de tarefas de conteúdo pequeno-burguês, com a participação de tal base social.

Foi assim que o PCB acabou assumindo como linha política, na conjuntura dos anos 1920, a necessidade de uma *política de alianças*, sendo a revolução projetada como uma *luta de libertação nacional*. Eis a semelhança procurada com a realidade chinesa, o que orientava a se cumprir tarefas também assemelhadas àquelas de tal país. O *Komintern* ainda não exercia uma ação tão dominante no que compete aos ditos “países coloniais” quanto a com que a sua imagem foi cristalizada na historiografia especializada no tema – o marxismo mobilizado no Brasil, por sua vez, já era aquele de variante *leninista*, o qual era conformado pelos comunistas brasileiros para a interpretação de sua realidade.

Octávio Brandão apresenta, em suas considerações críticas presentes em “*O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*”, duas questões articuladas que estavam então na ordem do dia para os comunistas: a revolução democrática pequeno-burguesa em um “[...] *país semicolonial na fase atual do capitalismo imperialista*” e a consecução de uma revolução proletária na mesma formação social:

O problema que estamos discutindo é um dos mais graves da hora atual. Da sua exata solução teórica e tática depende, em grande parte, a ascensão das forças revolucionárias brasileiras, não apenas no terreno da propaganda e, sim, também, no amplo terreno político e até militar. A fim de resolver esse problema, temos de estabelecer bem claramente os termos da proporção para que possamos encontrar a significação e o valor da incógnita.⁵⁰

Este texto, como se percebe pelo teor de suas palavras, é um artigo de intervenção às vésperas de um momento que se esperava decisivo não apenas na trajetória do ainda jovem Partido Comunista, mas na própria construção de uma revolução no Brasil contra o feudalismo e o imperialismo.

O autor procura desvendar nas particularidades históricas brasileiras a manifestação de regularidades universais devidas à semelhante posição de subordinação ao imperialismo que o Brasil possuía com relação a outras formações sociais. Daí o uso

⁵⁰ BRANDÃO, Octávio. Op. Cit., 1985, p. 121.

de recursos linguísticos como os *paralelismos*⁵¹, manifestos, por exemplo, em suas comparações da realidade brasileira com a da Rússia, primeiro país a levar a cabo, com êxito, uma revolução proletária. Eis um exemplo das comparações empreendidas por Octávio Brandão:

A revolução democrática pequeno-burguesa do Brasil poderá ser uma revolução de libertação nacional, fazendo desaparecer o feudalismo e os restos da escravidão, extinguindo a dependência econômica e política, atacando a sujeição imperialista estrangeira, colocando o país em pé de igualdade com as potências burguesas. Efetuar-se-á num país semicolonial, lutando ao mesmo tempo contra o feudalismo e o imperialismo coligados, realizando o nosso 1789, e uma revolução lembrando a chinesa antes de 1927. Será tanto mais antiimperialista quanto melhor soubermos conquistar os revoltosos. Será na primeira etapa uma revolução pequeno-burguesa em que o proletariado irá transformando-se na verdadeira força motora.⁵²

Como fica claro, o elemento decisivo na libertação nacional do imperialismo reside na capacidade tática de empreender alianças – implicado, não obstante, que o proletariado processualmente assuma a hegemonia do movimento.

Entre alguns outros marxistas brasileiros, por sua vez, começavam a surgir também críticas ao uso do exemplo chinês na prática política nacional. Tal é o caso, por exemplo, de Aristides Lobo, militante identificado com o Grupo Comunista Lenine, tendência em conflito com a direção partidária especialmente perante a iniciativa de *frente única* materializada no Bloco Operário e Camponês (BOC), iniciativa eleitoral no bojo das alianças táticas em voga, chamado por eles de “monstruosidade *kuomintangista*”. A sua intervenção, ao contrário de Octávio Brandão, foi elaborada posteriormente ao III Congresso, já em 1930, período em que a organização comunista estava atribulada tanto pelo chamado *obreirismo* quanto pelas avaliações distintas da atuação do Partido frente às movimentações burguesas que se anunciavam⁵³. O grupo de críticos era resolutamente contrário às “alianças ideológicas” com os militares rebeldes e, especialmente, ao que identificavam como “burocratização” dos dirigentes do Partido:

⁵¹ LACERDA, Felipe. *Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do comunismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História Econômica). São Paulo: USP, 2017.

⁵² *Ibidem*, p. 130.

⁵³ É impossível, dados os limites deste artigo, dedicar a devida atenção a alguns dos problemas intestinos à própria burguesia e oligarquia brasileiras durante os anos 1920, problemas estes que possuem relação aos dilemas concretos postos à ação do proletariado e do próprio governo em reação, como destacou Carone: “A contestação operária e a reação governamental não podem ser analisadas sem incorporarmos ao panorama as questões que tratam da divisão interna que se processa na oligarquia, com a formação de partidos oposicionistas em São Paulo e Rio Grande do Sul (Partido Democrático, em São Paulo, Partido Libertador, no Rio Grande do Sul); do tenentismo, que passa da fase armada para posicionamentos ideológicos; da burguesia industrial, que atravessa grave crise econômica entre 1926 e 1928; pela crise mundial de outubro de 1929; e, finalmente, pela crise sucessória de 1929-30.” Cf. CARONE, Edgard. *Op. cit.*, 1989. p. 172.

Foi ela [a direção do Partido] a autora da monstruosidade kuomintanguista e da “aliança política e ideológica” com os militares rebeldes, a que chamava “pequena burguesia revolucionária”. Foi ela que lançou o órgão confusionista “*A Nação*”, por meio do qual namorava o então general Luiz Carlos Prestes, endeusando-o numa frente única com a imprensa burguesa opositora desse tempo, e até procurando seduzi-lo com a promessa de o colocar entre os maiores da burocracia dirigente, no caso em que ele assinasse a papeleta da adesão ao Partido. Foi ela que, nas mesmas colunas de *A Nação*, estampou em ordem cronológica (a começar dos oito anos de idade) todas as fotografias existentes do “cavaleiro da esperança”, encimando-as com estas palavras de simpatia e enternecimento: “O general de 29 anos”. Foi ela, ainda, que enviou a Santos um dos intendentess operários, para este gritar bem pertinho de mim, aos meus ouvidos, que a massa trabalhadora ia ser guiada “pelo formidável general Luiz Carlos Prestes”. Em todo esse tempo, a velha beata da burocracia batia no peito, penitenciando-se mas continuava a pecar “corrigindo” erros velhos com novos erros. E os que, em todo esse tempo, combatiam os seus desvios de libertina revolucionária, iam sendo expulsos, exatamente como agora, sob a pecha de “trânsfugas” e de “traidores”.⁵⁴

A oposição à política de alianças com a pequena-burguesia levada a cabo por tais opositores dentro do PCB também tinha por base uma compreensão da particularidade histórico-concreta da formação social brasileira. Os seus teóricos eram Mário Pedrosa e Lívio Xavier, os quais também assinavam a sua intervenção (assim como Brandão, alguns anos antes), como era praxe do período, através de pseudônimos:

No Brasil, a acumulação primitiva do capital fez-se de maneira direta: a transformação da economia escravagista em salariado do campo se fez diretamente e o afluxo migratório, que já começara antes da abolição da escravatura, teve como objetivo oferecer braços à grande cultura cafeeira. [...] O Brasil nunca foi, desde a sua primeira colonização, mais que uma vasta exploração agrícola. Seu caráter de exploração rural colonial precedeu historicamente sua organização como Estado. [...] O Estado brasileiro se caracteriza sempre por rígido esquematismo de classe. A sociedade monárquica sustentava-se com a exploração do braço escravo por uma minoria de donos da terra e a monarquia vegetou dois terços de séculos em meio à turbulência dos vizinhos do continente, prolongando, através da passividade burocrática, a vida de um regime político já caduco.⁵⁵

A consequência política da afirmação dos autores, do rígido esquematismo de classe, se localiza na organização unitária da classe operária, “[...] *neste momento impossível nos estreitos limites capitalistas do Estado burguês nacional*”⁵⁶, posição que remete às polêmicas que, poucos anos antes, rebentaram no Movimento Comunista Internacional e que serão determinantes na sua evolução por longos anos, seja em caráter universal, seja na particularidade brasileira. Os desenvolvimentos desta polêmica

⁵⁴ LOBO, Aristides. Carta aberta aos membros do Partido Comunista. IN: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. (orgs.). *Na contracorrente da história*. Documentos da Liga Comunista Internacionalista 1930-1933. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. pp. 46-48.

⁵⁵ CAMBOA, M; LYON, L. Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil. IN: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. (orgs.). *Na contracorrente da história*. Documentos da Liga Comunista Internacionalista 1930-1933. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. pp. 67-69.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 81.

e, especialmente, as reorientações políticas do Partido Comunista que resultarão em trágico desfecho em 1935 já configuram outro capítulo na história do movimento operário no Brasil a ser revisitado.

Fontes

Aliança do proletariado com a pequena burguesia oprimida! O Brasil deve seguir o exemplo da China heroica! IN: *A Nação*. 13/06/1927. N. 406. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

Proclamação da Hungria comunista aos trabalhadores do mundo. IN: *Spártacus*. N. 01. Rio de Janeiro: 02/08/1919. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 2

Trez paizes semelhantes. A Rússia, a China e o Brasil, libertos do imperialismo salvarão o mundo!! IN: *A Nação*. 11/08/1927. N. 457. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

BRANDÃO, Octávio. *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

_____. O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa. IN: ZAIDAN FILHO, Michel. *PCB (1922-1929)*. São Paulo: Global, 1985. pp. 121-132.

LOBO, Aristides. Carta aberta aos membros do Partido Comunista. IN: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. (orgs.). *Na contracorrente da história*. Documentos da Liga Comunista Internacionalista 1930-1933. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. pp. 46-48.

OITICICA, José. Spártacus. IN: *Spártacus*. N. 01. Rio de Janeiro: 02/08/1919. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

PACIFICO, Americo. Enquanto é tempo... IN: *Movimento Comunista*. N. 03. Rio de Janeiro: 03/1922. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 78-79.

PEREIRA, Astrojildo. Não nos assustemos com o debate. IN: *Movimento Comunista*. N. 03. Rio de Janeiro: 03/1922. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 69.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. (orgs.). *Na contracorrente da história*. Documentos da Liga Comunista Internacionalista 1930-1933. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BARTZ, Frederico. *Movimento operário e revolução social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922*. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2014.

_____. O maximalismo como problema: circulação e apropriação da ideia de bolchevismo no movimento operário brasileiro durante os primeiros anos da Revolução Russa. *Izquierdas*. Colombia, n. 31, diciembre 2016.

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional de ideias. *Enfoques* – Revista Eletrônica. Rio de Janeiro, V. 1, n. 1, 2002, pp. IV-XV.

CARONE, Edgard. *O tenentismo*. Acontecimentos, personagens, programas. São Paulo: DIFEL, 1975.

_____. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: DIFEL, 1979.

_____. *O P.C.B. (1922-1943)*. Vol. 1. São Paulo: DIFEL, 1982.

_____. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CASTELLUCCI, Aldrin. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise (1914-1921)*. Salvador: FIEB, 2004.

DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa*. A política de alianças do PCB: 1928-1935. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. (1890-1920). São Paulo: DIFEL, 1976.

FONTES, José Raimundo. Marighella e o movimento operário baiano no período da “redemocratização” (1945-1947). IN: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil* (das origens aos anos 1920). São Paulo: Editora Ática, 1991.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*. 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JOFFILY, Mariana. *O socialismo na França e no Brasil durante a II Internacional Socialista (1889-1918)*. São Paulo: Alameda, 2012.

LACERDA, Felipe. *Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do comunismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História Econômica). São Paulo: USP, 2017.

LINDEN, Marcel. História do trabalho: o velho, o novo e o global. *Revista Mundos do Trabalho*. Florianópolis. Vol. 1, n. 1, janeiro-junho de 2009.

LÖWY, Michael. Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. IN: _____. (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. pp. 9-64.

MARAM, Sheldon. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MAZZEO, Antonio Carlos. *Sinfonia inacabada*. A política dos comunistas no Brasil. Marília: Unesp; São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- _____. Astrojildo Pereira. IN: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. Notas sobre a via colonial do desenvolvimento do capitalismo. IN: _____. *Estado e burguesia no Brasil*. Origens da autocracia burguesa. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. As greves escravas, entre silêncios e esquecimentos. Acesso em: <http://outraspalavras.net/brasil/entre-silencios-e-esquecimentos-as-greves-dos-trabalhadores-negros/>, às 02:03 de 12/07/2017.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior*. Uma biografia política. São Paulo: Editora Boitempo, 2016
- PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln. Apresentação. IN: _____.; _____. (orgs.). *Intérpretes do Brasil*. Clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*. A revolução mundial e o Brasil. 1922-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RICUPERO, Bernardo. Existe um pensamento marxista latino-americano? IN: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo. *América Latina: história, idéias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998. pp. 55-76
- RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. IN: FAUSTO, Bóris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira: Tomo III, Vol. 10, O Brasil Republicano*. São Paulo: DIFEL, 1981
- RUBIM, Antônio. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. IN: QUARTIM DE MORAES, João (org.). *História do marxismo no Brasil*. Teorias. Interpretações. Vol. 3. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português*. Economias, espaços e tomadas de consciência. São Paulo: Alameda, 2004.
- _____. Origens intelectuais do marxismo no Brasil (1830-1919). IN: Mouro, Revista Marxista – Núcleo de Estudos d'O Capital. Ano 4, nº. 6, pp. 9-24, janeiro de 2012.
- TARCUS, Horacio. *Marx em la Argentina*. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2007.
- VALDÉS, Eduardo Devés. El transpaso del pensamiento de America Latina à África a través de los intelectuales caribeños. *História UNISINOS*. São Leopoldo, Vol. 4, n. 2. Jul/dez. 2000.

VIANNA, Marly. *Revolucionários de 1935*. Sonho e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

Z Aidan Filho, Michel. *PCB (1922-1929)*. São Paulo: Global, 1985.

_____. *Comunistas em céu aberto*. 1922-1930. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.